

Autismo e linguagem: uma abordagem dialógica

MARCUS VINICIUS BORGES OLIVEIRA

LUCIA MASINI

LAINE DOS SANTOS PIMENTEL

INTRODUÇÃO

Inicialmente, destacamos que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma das condições de saúde que compõem os Transtornos do Neurodesenvolvimento. É caracterizado na literatura diagnóstica por prejuízos na “comunicação social e na interação social em múltiplos contextos” (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014, p. 31). Em contrapartida, compartilhamos com Oliver Sacks (1995) que o autismo também deve ser visto como um modo de ser, uma forma de identidade profundamente diferente. Em “Um Antropólogo em Marte”, Sacks relata sete estudos de caso, entre eles a história de Temple Grandin. Para ela, o autismo a constitui de tal modo que se pudesse escolher entre ser ou não ser autista, não o faria, pois perderia sua essência. Sacks acrescenta que “porque acredita que o autismo também possa ser associado a algo de valor, fica alarmada com a ideia de erradicá-lo” (SACKS, 1995, p. 194).

Também Solomon (2013) promove uma discussão interessante sobre autismo, em seu livro “Longe da Árvore”, em que realiza uma vasta pesquisa sobre famílias e a busca de identidades entre pais e

filhos. No que se refere ao autismo, diz se tratar de “uma síndrome, não de uma doença, pois é um conjunto de comportamentos, não uma entidade biológica conhecida”. (SOLOMON, 2013, p. 264).

Pela diversidade de olhares dos autores citados podemos apreender que ainda reside no autismo, principalmente enquanto etiologia, um enorme mistério. Características, teorias de causalidades, tratamentos, pode-se dizer que nada ainda seja totalmente conhecido, comprovado e replicável. Pais de autistas também não são unânimes no modo de compreender o que acontece com seus filhos. Para uns, é muito difícil discernir o quanto crianças autistas realmente ouvem e compreendem, na medida em que suas respostas podem ser mínimas e inconsistentes, fazendo com que cuidar delas seja significativamente frustrante. Para outros, o autismo é uma identidade rica, que deve ser respeitada como uma diferença. Muitos dos defensores da neurodiversidade rejeitam tratamentos que visem curar (ou erradicar) o autismo.

No que diz respeito ao modo como a Fonoaudiologia tem se debruçado sobre a linguagem dos sujeitos autistas, nos deparamos com um fluxo predominante de pesquisas e práticas embasadas fortemente na Medicina, apesar de a Fonoaudiologia ser uma ciência múltipla e interdisciplinar. Nesse sentido, Bordin afirma que:

Pode-se reconhecer, por parte da Fonoaudiologia, a ancoragem do diagnóstico de linguagem na Medicina, que se estende também à avaliação fonoaudiológica da criança autista: desenvolvimento comprometido da comunicação, interação social e repertório restrito de atividades e interesses. Quando não faz isso a Fonoaudiologia subordina a linguagem a uma questão maior do desenvolvimento cognitivo, isto é, a serviço das operações de pensamento. (BORDIN, 2006, p. 30).

Entendemos, portanto, junto à Bordin, que falta a essa corrente predominante de terapeutas e pesquisadores dizer mais sobre o

funcionamento da linguagem desses sujeitos autistas. Tradicionalmente, quando se fala da linguagem no autismo remete-se a uma lista de insuficiências que partem de uma visão idealizada de linguagem, de cunho abstrato, ainda que, por vezes, se considere o seu uso pragmático. Para a autora, a forma com que a literatura tradicional da Fonoaudiologia ampara seus estudos na Medicina faz com que se apropriem de uma visão de linguagem enquanto código, coadunando em “uma prática marcada, quase sempre, por um viés corretivo (objetivando um padrão de normalidade) e reabilitador (visando a eliminação de sintomas)”. (BORDIN e FREIRE, 2018, p. 386).

Nesse lugar, nos deparamos também com práticas fonoaudiológicas medicalizantes e fortemente amparadas pelo diagnóstico, supondo que este possa significar como fator preditivo para práticas terapêuticas. Segundo Navarro, esses profissionais:

“Lidam com o diagnóstico TEA/Autismo Infantil, considerando essa criança como um sujeito passivo. Nesse sentido, olham para o diagnóstico desprezando a individualidade e a heterogeneidade desses sujeitos e de seus interlocutores. (NAVARRO, 2016, p. 48)”

Em contrapartida, ao nos orientarmos pela perspectiva dialógica, não consideramos o diagnóstico como fator preponderante que ditará nossa práxis terapêutica, muito pelo contrário, nossa prioridade é acolher o sujeito em suas possíveis demandas. Assim, partindo de um viés bakhtiniano, concebemos a língua não como um código a ser adquirido, mas como viva e inacabada, em permanente processo de construção pelo “fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação”. (BAKHTIN, 2006, p. 125).

Concordamos que a abordagem dialógica não pode prescindir, portanto, dos parceiros que compõem uma enunciação propriamente dita. Não obstante, concordamos com Bordin que um movimento necessário para a superação dessa prática medicalizante se-

ria através da reflexão sobre o exercício do fazer terapêutico. Para nós, interessa desvelar as potencialidades de cada sujeito tendo em consideração as condições singulares pertencentes a cada indivíduo e sua história, especialmente no que diz respeito à linguagem.

Partindo deste ponto, existem diferentes formas de abordarmos como a amplitude do pensamento bakhtiniano pode nos ajudar a refletir sobre o trabalho com a linguagem, tendo em consideração as especificidades dos estudos sobre a pessoa autista. Elencamos aqui apenas algumas possibilidades, que dialogam com os trabalhos de Novaes-Pinto (1999, 2013) sobre a relevância teórica dos conceitos bakhtinianos (acabamento, enunciado, diálogo, querer dizer etc) para a análise e descrição dos enunciados de sujeitos afásicos. Aliada à reflexão sobre os conceitos, o eixo que unifica tal perspectiva é a noção de diálogo tal como este é entendido nos estudos do Círculo de Bakhtin e sua aproximação ao trabalho fonoaudiológico com a linguagem, já discutida por Masini (2004).

CONTRIBUIÇÕES BAKHTINIANAS PARA SE PENSAR A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM, DIALOGISMO E AUTISMO

Como falar da interação dialógica quando um dos parceiros do diálogo é uma pessoa autista? Ao recebermos os pais de uma criança com um diagnóstico fechado ou ainda com suspeita de TEA, o que percebemos, de forma recorrente, é uma angústia diante de um não saber. Isto porque, por mais que haja uma sintomatologia característica do atualmente chamado “espectro autista”, ninguém há de discordar de que as pessoas com autismo são muito diferentes entre si. Atualmente, com a flexibilização do diagnóstico proporcionada pela noção de espectro, de caráter inespecífico, tem sido comum o questionamento de casos diagnosticados precocemente e sem o

devido rigor. Sobretudo em casos mais limítrofes, pairam dúvidas sobre o diagnóstico que, mesmo que incertos, podem ser tomado como enclausurante pelos familiares.

No consultório fonoaudiológico, ouvimos uma diversidade de vozes sobre essas crianças; alguns pais dizem que aquela criança gerada por eles tem o “*jeitinho dele de fazer as coisas*”, ou que “*é muito esperto, ao seu modo*”. Outros trazem relatos de algo que causa certa estranheza, “*tem que ser tudo arrumadinho*”, ou “*ele só entra em ônibus se for daqueles grandes*”. Por vezes, nesses relatos aparece uma angústia por não se saber o que se passa internamente na criança autista, como se o conhecimento sobre ela fosse insuficiente para decifrá-la. Principalmente nos casos mais severos, ouvimos que eles se doam, se doam, se doam àquela criança que não responde na frequência, no tempo que todos esperaríamos. “*Nossa, me sinto sugada...*” Quem nunca ouviu uma afirmação parecida em seus consultórios? Aliás, palavras como “*cansadas/os*”, “*sugada/os*”, “*desgastadas/os*” são frequentes nos relatos dos pais e das pessoas de convívio constante de crianças com TEA. São pais também a ponto de colapsar. E não sem razão.

Não raras vezes, as atitudes da criança autista são traduzidas a partir dos conceitos de mania e estereotipia, de forma que não importa o que ela faça ou diga, acaba sendo tomado ora como mania, ora como estereotipia, mesmo que busquem uma interpretação qualificada de outrem. Mas como atribuir sentido e conversar com alguém que pode responder de tempos em tempos e dentro de uma linearidade não convencional? As abordagens comportamentais respondem a isso com modelagem de comportamentos verbais. No entanto, muitas vezes, ouvimos pais dizerem: “*não quero que apenas meu filho fale, quero que ele se comunique*”. Desejo legítimo. Vivemos em uma sociedade logocêntrica, em que ausência da palavra pode adquirir um caráter trágico, mesmo que existam outras formas de

comunicar. Inclusive, há autistas que são categorizados a partir dessa ausência, sendo considerados, para além de sua “performance” de fala, como “não verbais”, a despeito do desconhecimento em torno do funcionamento de sua linguagem.

Na abordagem dialógica bakhtiniana, a busca é pelo sentido. Mas como reconhecer sentido quando se fala do autista, como conviver com uma dimensão temporal que não reconhecemos, muitas vezes com signos não convencionais que exigem tanta interpretação?

Em primeiro lugar, é preciso tomar a noção de tempo-espço não na sua linearidade, mas nas suas possíveis distorções. Não há um começo e um fim; a aparição e o nada subsequente, embora isto pareça ser o mais palpável. É preciso que entendamos que há começos e fins ao longo de um meio, em que há, sim, uma corrente ininterrupta de comunicação nos modos possíveis de se dizer, ao que chamamos de diálogo. Para Bakhtin (2006), nada escapa à cadeia de elos de enunciados dentro do diálogo, já que este não é tomado apenas como uma conversa face a face ou no entendimento comum como conciliação; pelo contrário, “toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa.” (BAKHTIN, 2006, p. 109).

Assim, para nossa discussão, isso significa que não há só manias ou estereótipias; há dizeres orbitando o horizonte de eventos que precisam de um outro que os reconheça como algo passível de sentidos. O princípio fundante da abordagem dialógica de cunho bakhtiniano é “quem enuncia quer resposta” ao que está sendo dito e não exclusivamente ao como (não) foi dito. Estamos aqui falando de constituição de sujeito e negociação de sentidos e não de adequação de comportamentos.

Na abordagem terapêutica dialógica destaca-se a preocupação com a palavra do outro. Os enunciados do paciente não devem ser

entendidos como orações que precisam ser corrigidas, ou comportamentos verbais aceitáveis que precisam ser instalados, mas como enunciados, os elos da cadeia de comunicação verbal em que foram produzidos, do modo como possível, em função de outros que os precederam e merecem resposta. A ênfase do trabalho, portanto, recai sobre o enunciado, por sua natureza e particularidades que vinculam a língua à vida. É Bakhtin quem diz: “a língua penetra na vida através de enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua”. (BAKHTIN, 1997, p. 282). Assim, se o enunciado vincula língua e vida e se dirige a alguém, sua resposta deve igualmente ser um enunciado, ou seja, língua vinculada à vida e dirigida a alguém. “Para a palavra (e conseqüentemente para o homem), nada é mais terrível do que a irresponsividade (a falta de resposta)” (BAKHTIN, 1997, p. 356).

Nesta perspectiva, é caro também o conceito de compreensão ativa e responsiva, isto é, uma compreensão em que se negociam os sentidos. Para Bakhtin (2006, p. 135) “a significação pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ela só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva”. A compreensão não é um processo passivo, mas ativo e dialógico, já que toda compreensão é prenhe de resposta.

Para que esse processo se estabeleça, é necessário que do enunciado se reconheçam suas particularidades: alternância dos sujeitos; acabamento específico do enunciado; expressividade do locutor e sua relação com os outros. Sobre a alternância dos sujeitos, é importante ressaltar que ela só se estabelece se considerarmos o que Bakhtin postula como *réplica*, ou seja, a manifestação do sujeito a partir de uma tomada de posição, dentro de uma determinada esfera da comunicação. Mas, ao tomar uma posição dentro dessa determinada esfera, o sujeito necessita dar acabamento ao enunciado do outro, para que ele saiba que é sua vez de assumir

a réplica. E como se dá esse acabamento? São três fatores que o caracterizam: tratamento exaustivo do tema; intuito discursivo do locutor; as formas composicionais do gênero discursivo em questão. Todos esses três fatores são interdependentes e devem estar relacionados aos outros parceiros da comunicação, o que significa dizer, mais uma vez, que a palavra se dirige ao outro. Assim, o tema só é compreendido se considerarmos os enunciados de todos os parceiros da comunicação. O intuito discursivo está relacionado ao tema e é ele que vai ampliar ou limitar suas fronteiras e o gênero discursivo que, por fim, determina a exauribilidade do tema. E, no tocante à terceira particularidade do enunciado: a expressividade do locutor e sua relação com os outros. Embora possamos entendê-la como sendo da ordem do individual, ela só pode ser analisada a partir da posição valorativa que ele assume perante seus interlocutores.

Assim, afirmamos que é através da negociação de sentidos pelos interlocutores no diálogo que chegamos ao projeto comum coerente ao processo de compreensão ativa e responsiva. Trazemos, a seguir, alguns fragmentos de acompanhamento terapêutico para ilustrar como isso se dá.

Felipe, 6 anos, estava em suas primeiras sessões de terapia fonoaudiológica e, portanto, terapeuta e paciente estavam se conhecendo, buscando estabelecer horizontes comuns. Sua comunicação era feita basicamente por palavras isoladas, nem sempre relacionadas ao contexto imediato. Felipe evitava contato de olho ou qualquer aproximação física. Revezava andar pela sala e sentar à mesa escrevendo sem parar alguns números em sequência. Para a mãe, essas ações eram características de estereotípias. Certa vez, andando pela sala, em tom monótono, disse: “*pião*”. A terapeuta perguntou se gostava de brincar com pião. Continuou a repetir “*pião, pião*”, andando pela sala. Tomando como um enunciado que

precisava de resposta, a terapeuta disse que tinha um pião dentro de uma caixa de brinquedos e que podiam pegar para brincar. Sua resposta a essa colocação foi andar mais aceleradamente pela sala, com as mãos tapando as orelhas repetindo “pião, pião”. E o diálogo teve a seguinte sequência:

T: Você não gosta de pião? Achei que estivesse me pedindo para brincarmos. Entendi: pião é algo que não podemos pegar, certo?

F: (tira as mãos das orelhas e olha rapidamente para a terapeuta)

T: (dando uma piscadinha de olho) Quem sabe um dia a gente não pega o pião pra ver se gosta de brincar?

F: (fecha a cara, dizendo num tom aflito) pião.

Ao terminarem a sessão, a mãe, na sala de espera, aflita, contou à terapeuta toda a saga de Felipe com piões. Disse-lhe do pânico que tinha porque fora apresentado meio bruscamente a piões grandes e barulhentos e desde então passou a evitá-los e que era importante a terapeuta saber para que não fizesse o mesmo. A fonoaudióloga relatou que ele próprio havia lhe contado que tinha medo desse brinquedo, o que a mãe estranhou, pois o havia escutado repetir a palavra “pião” e achou que ela pudesse estar oferecendo o brinquedo a ele sem entender o sentido daquele enunciado.

O sentido do diálogo na abordagem dialógica é construído na situação social imediata, a partir não só da porção verbal do enunciado, mas também da não verbal, não sendo possível dissociá-los para atribuir uma significação isolada a ambos. Sendo assim, a situação extraverbal “se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação”. (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 2000, p. 6). Tomar a primeira emissão de Felipe “pião”

como um enunciado, do ponto de vista fonoaudiológico dialógico de cunho bakhtiniano, significa compreender que ali, embora com problemas de acabamento, havia um intuito de dizer algo cujo tema precisava ser construído. Assim, a terapeuta passou a negociar o sentido, apresentando-lhe algumas alternativas desses possíveis temas. Ao fazer isso, mostrou a Felipe que estava considerando seus enunciados. Esta atitude permitiu a ele continuar no diálogo assumindo seu lugar de sujeito e compondo os sentidos não só pela porção verbal como pela extraverbal (ou não verbal). As mãos tapando as orelhas, o andar acelerado, o tom aflito da fala deram conta de modificar o sentido da palavra proferida e de deixar nítido: “não podemos brincar de pião”.

A ideia de que existem começos e fins, não absolutos, em um meio contínuo nos leva, como terapeutas, a um trabalho de um constante atribuir sentidos, buscar horizontes comuns, mas sempre a partir do que o sujeito enuncia. Não há linearidade nas atividades propostas. Nada, em nossas teorias sobre o autismo, tem efeito se olharmos para essas pessoas a partir unicamente de nossas perspectivas. Negociar sentidos a partir do que elas nos apresentam, essa tem sido a chave de aproximação. Ecos de enunciados passados compondo enunciados futuros; e temos aí um interlocutor se constituindo. É comum, dentro de um atendimento fonoaudiológico com a criança autista, principalmente quando se considera a possibilidade de diálogos atravessados no tempo, situações em que o entendimento de algo dito em determinada sessão ocorra em sessões posteriores, ou mesmo que reconheçamos no presente recortes de coisas que ocorreram em sessões anteriores.

É preciso que, de fato e de direito, consideremos as pessoas com autismo como participantes de uma comunidade discursiva, em que se reconheça a existência de um plurilinguismo social. Em outras palavras, as pessoas com autismo estão sempre nos dizendo

algo e, no contexto fonoaudiológico, o trabalho do terapeuta é o de poder dar acabamento a esses dizeres ainda tão insuficientes em si mesmos do ponto de vista da produção verbal pelos recursos da língua. Parece-nos fazer toda a diferença quando o fonoaudiólogo retoma os enunciados do paciente com o objetivo de respondê-los, seja pela argumentação, dúvida, complementação, concordância. Assim, estereotípias, ecolalias, palavras isoladas, vocalizações, gestos repetitivos, gritos ou silêncio precisam ser negociados e não normatizados.

Com Jasmim foi assim; aos 5 anos de idade, ela ainda não tinha recebido o diagnóstico, mas já era atendida em um trabalho de extensão específico para autismo. Inicialmente, não gostava de entrar na sala com os terapeutas, expressava seu descontentamento retirando a mão de uma das terapeutas, chorando, fazendo um barulho de ranger dos dentes. Jasmim não falava nenhuma palavra, mas alguns gestos que deixavam claro o desconforto com o espaço, ou talvez com as pessoas novas. Aos poucos, com muita delicadeza e investimento de tempo, foi ficando mais confortável na sala, primeiramente por 5 minutos, depois por 10, depois durante 30 minutos. Jasmim adorava desenhar. No início, eram riscos aleatórios e, por vezes, não respeitavam nem o limite do papel. Aos poucos, sempre aos poucos, os desenhos foram se tornando mais coloridos e complexos, com traços cada vez mais seguros e delimitados. E ainda, paulatinamente, foram se tornando representações mais compreensíveis também – de animais, de pessoas – de maneira que, ao final do tempo de atendimento, aos 6 anos, já nos solicitava por meio dos desenhos.

O que possibilitou este movimento foi o conhecimento mútuo, o conhecimento da situação extraverbal, assim como o reconhecimento de suas possibilidades enunciativas por meio dos signos não verbais. Considerando que para Voloshinov/Bakhtin (2000, p.

10), as “palavras articuladas estão impregnadas de qualidades presumida e não enunciadas”, compreendemos que mesmo os signos não verbais ganham sentido apenas na situação, considerando o que há nela de presumido, de não enunciado. Para tanto, compreendemos a situação extraverbal sob três fatores indicados por Voloshinov (2013, p. 172): “o espaço e o tempo em que ocorre a enunciação – o “onde” e o “quando; o objeto ou tema de que trata a enunciação – “aquilo de que” se fala; e a atitude dos falantes face ao que ocorre – “a valoração”. Nesse sentido, aponta Voloshinov que situações diferentes podem determinar a diferença de sentidos de uma mesma expressão verbal, e neste caso, a mensagem verbal não refletirá de imediato seu significado, já que é integrada à parte presumida do enunciado.

É curioso pensar sobre a repetição nesta abordagem, já que a mudança dos outros fatores pode mudar os sentidos de um termo recorrente, de maneira que um mesmo gesto pode mobilizar outros caminhos. Tomemos o exemplo de uma criança autista (Luís, 5 anos) que, no atendimento, utilizava frases de um desenho animado, sempre na mesma entoação: “*pra direita ou para a esquerda, que caminho devo seguir?*”, com a voz típica do Mickey Mouse. Essa frase foi repetida muitas vezes nas sessões, mas com o tempo começou a ganhar outros sentidos. Colocamos uma pista de brinquedo em cima da mesa, distribuímos os carrinhos e conversávamos sobre os caminhos, até que esse enunciado frase foi perdendo essa característica tonal do desenho animado e pouco a pouco deixando de lado a voz do Mickey Mouse. Redizer, dizer novamente, dizer de novo, dizer de outro jeito, perdendo as aspas, era o que buscávamos.

Nos parece que algo que lhe era alheio (mas não totalmente) se tornou próprio (mas não absolutamente). Buscamos nas palavras de Ponzio respaldo para nossa reflexão:

A apropriação linguística é um processo que vai desde a mera repetição da palavra alheia à sua reelaboração, capaz de fazê-la ressoar de forma diferente, de conceder-lhe uma nova perspectiva, de fazer-lhe expressar um ponto de vista diferente. Porém, permanece semialheia, em qualquer caso. A propriedade sobre a palavra não é exclusiva e total. (PONZIO, 2012, p. 101).

Vozes referidas como “cristalizadas” são frequentemente relatadas nos estudos sobre autismo e dizem respeito ao não reconhecimento das enunciações como constitutivas dos diálogos por parte do outro. Esse estranhamento ocorre, em geral, como parte de uma des-autorização, ou seja, de uma destituição do lugar de autoria dos autistas em relação ao que dizem. Neste contexto, as reflexões do Círculo de Bakhtin sobre a relação entre *palavra própria* e *palavra alheia* se tornam fundamentais para tratar da autoria compartilhada destes dizeres.

Essa discussão parte do esvaziamento da palavra enquanto entidade lexicográfica da língua que, para Bakhtin, não passa de uma célula morta, que somente ganhará vida a partir da sua existência enquanto parte da cadeia de enunciados. “As palavras não são de ninguém, em si mesmas nada valorizam, mas podem abastecer qualquer falante e os juízos de valor mais diversos e diametralmente opostos dos falantes” (BAKHTIN, 2016, p. 48). É somente na relação com a autoria, com a palavra viva, que se torna possível que as palavras sejam tanto alheias como próprias:

Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação - mais ou menos criador - das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou assimilabilidade, de um grau

vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2016, p. 54).

Mesmo na instância do enunciado, há um processo em que o autor descreve como de “perda das aspas”, de assimilação e esquecimento da palavra alheia, que a possibilita que esta seja própria, ou semialheia. Para o autor (2001, p. 402) essas palavras alheias seriam “reelaboradas dialogicamente em “minhas-alheias palavras”, com auxílio de outras palavras alheias (não ouvidas anteriormente) e em seguida nas minhas palavras (por assim dizer, com a perda das aspas), já de índole criadora”.

Refletir sobre este processo de reelaboração dialógica, de assimilação e valoração da palavra nos parece essencial para pensar a relação da linguagem com o autismo. Uma vez postulada a ilusão da propriedade da palavra, nos cabe entender, nos diálogos com a pessoa autista, até que ponto as palavras revelam indícios de autoria dentro de uma multiplicidade de vozes que as compõem e como estes indícios se traduzem no reconhecimento autoral dos enunciados.

Talvez a expressão que melhor traduza a importância de se refletir clinicamente sobre a relação entre a palavra alheia e a palavra própria diga respeito ao conceito de ecolalia que, muitas vezes, é desconsiderada, des-autorizada, e que tem sido erroneamente posta para fora do diálogo por conta de não preencher as expectativas convencionais do jogo interativo. A seguir, refletimos sobre o diálogo em um caso que envolve as chamadas “ecolalias”.

Zacarias é um garoto que possui diagnóstico de autismo leve desde os dois anos, mas foi atendido somente aos sete. Ele é descrito como uma criança que gosta bastante de aparelhos eletrônicos como tablet e celular, que adora navegar na internet. Gosta também de livros, de músicas e de tirar fotos. Os pais diziam que era uma criança brincalhona, porém com dificuldades para se relacionar

com outras crianças e também para se expressar. Essa dificuldade se mostrava em falas ininteligíveis em algumas situações, constituídas de repetição da fala do outro, as vezes com a mesma entonação. Vejamos um diálogo com Zacarias durante a terapia fonoaudiológica, em que a terapeuta está contando uma história com fantoches:

T: Vou lhe contar uma história e você vai me dizer o que acontece no final! Uma vez uma menina foi para a floresta buscar o seu cachorro, quando chegou lá, ela não achou. Você acha que aconteceu o quê com o cachorro dela?

P: Cachorro dela.

T: Aconteceu o que com o cachorro dela?

P: Cachorro dela.

T: Cachorro dela? Não entendi, aconteceu o quê?

P: É é é é é.

T: É? Como assim?

P: Como assim?

T: Não...

P: Nada nada nada nada nada. (Neste momento, a terapeuta percebe que a criança está com uma luva de dedoches com cinco animais)

T: Ah, vocês cinco falam juntos?

P: ééééé

T: Uau! Que coisa mais interessante, vocês falam juntos! Me digam qual é o seu nome?

Nesse recorte enunciativo podemos perceber que inicialmente a terapeuta tenta, por meio de fantoches, perguntar à criança sobre algo da história que está sendo contada. No entanto, as respostas de Zacarias não parecem transferir convencionalmente a palavra ao outro que lhe confere acabamento na continuidade do diálogo, mas ainda assim oferecem ao interlocutor a possibilidade de assumir seu turno. Este acabamento, demarcado pela possibilidade de responder, mesmo que de maneira incompleta, é ofertado pela terapeuta.

Há algo no que se convencionou chamar como “ecolalia”, como uma fala em repetição, por vezes em um tom emotivo volitivo não convencional, que faz com que este acabamento ocorra mesmo sem o tratamento exaustivo do objeto do sentido, ou sem a compreensão do intuito discursivo do autor. Contudo, conforme podemos observar no mesmo diálogo, há momentos em que essas repetições são utilizadas como um recurso enunciativo, mesmo que seja para demarcar cinco vozes diferentes para cada dedoche, o que é prontamente reconhecido pela terapeuta.

Por mais que as enunciações anteriores “*cachorro dela*” sejam insuficientes, não se pode dizer que não cumprem funções no diálogo. Nessa abordagem dialógica não há essa possibilidade. É somente no interior do processo dialógico que esses termos podem ganhar vida. É no interior deste mesmo processo que é possível dar continuidade com as repetições, agora utilizadas para continuidade da brincadeira com os fantoches, que poderiam ser tomadas como ecolalias totalmente destituídas de sentidos.

Por fim, lembremos ainda, no que diz respeito à repetição, que sempre produzimos palavras que já foram ditas anteriormente

(como salienta Bakhtin ao dizer que ninguém é um “Adão mítico” proferindo palavras originais no mundo), a tal ponto que ao mesmo tempo em que falamos algo, algo também fala por nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo é uma forma de refletir, de maneira incipiente, sobre como o entendimento dos pressupostos filosóficos do Círculo de Bakhtin podem nos ajudar no acompanhamento de crianças com autismo. Buscamos ilustrar o trabalho com a linguagem neste texto mobilizando alguns conceitos bakhtinianos. Entretanto, trata-se de um campo ainda extenso e profícuo para que essas reflexões sejam aprofundadas.

Chamamos especial atenção para o acabamento do enunciado, pois é ele, em última instância, o responsável pela alternância dos sujeitos na cadeia de comunicação verbal. Cuidar do acabamento dos próprios enunciados nos coloca na posição de interlocutor, condição para o estabelecimento de uma relação dialógica. O aqui exposto, ainda que brevemente, nos dá indícios de que crianças autistas não se percebem completamente, nem são percebidas como interlocutoras, pois suas falas não são tomadas como enunciados e, quando são, carecem de acabamento que incite o interlocutor a responder, provocando um silenciamento e quebra da interlocução. No sentido de romper com essa dinâmica, o trabalho fonoaudiológico, na perspectiva dialógica de cunho bakhtiniano, deve focar na construção conjunta do acabamento desses enunciados, para que, gradativamente, sujeitos autistas sintam-se capazes de se responsabilizar por eles. Isso, sem dúvida, exige tempo.

A Filosofia da Linguagem de Bakhtin se configura como uma filosofia da escuta da palavra outra (Ponzio, 2010). Qualquer pos-

sibilidade de escuta responsável requer tempo. Para Ponzio (2010), trata-se de dar tempo ao outro. Um outro do qual não se pode prescindir. Este tempo que vai além do objetivado, medido, vendido, um tempo *para nada*, caracterizado pelo que, de maneira mais subversiva, o autor chama de infuncional. Para uma sociedade produtivista como a nossa, em que a régua de sucesso é o mercado de trabalho, qual lugar da pessoa autista que não se encaixe nesse horizonte funcional?

Uma clínica outra, radicalmente singular, deve buscar, mesmo dentro de cada condição, ser capaz de ver o único, o singular e o irrepetível.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V*. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al. Revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli et al. 5. Ed. Porto Alegre : Artmed, 2014.

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34; 2016.

_____. *M. Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. *M. Estética da Criação Verbal*. 4 ed (2a tiragem). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *M. Estética da Criação Verbal*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORDIN, S. *Fale com ele: um estudo neurolinguístico do autismo*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 2006.

BORDIN, S; FREIRE, F. Neurolinguística discursiva: contribuições para uma fonoaudiologia na área da linguagem. *Cadernos De Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 60, n.2, p. 384-399; 2018.

MASINI, M. L. H. *O diálogo e seus sentidos na clínica fonoaudiológica*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Programa de Estudos Pós-Graduados, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

NAVARRO, P. *Fonoaudiologia no contexto da equoterapia: um estudo neurolinguístico de crianças com Transtorno do Espectro Autista*. 2016 Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

NOVAES PINTO R. do C. *Contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*. 1999, Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

NOVAES PINTO, R. do C. The aphasic utterance: A significal perspective. *Semiotica* v. 196, p. 457-72, 2013.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Contexto: São Paulo, 2012.

PONZIO, A. *Procurando uma palavra outra*. Pedro e João: São Carlos, 2010.

SACKS, O. *Um antropólogo em marte*. Companhia das Letras: São Paulo, 1995.

SOLOMON, A. *Longe da Árvore*. Companhia das Letras: São Paulo, 2013.

VOLOSHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. Pedro e João: São Paulo, 2013.

VOLOSHINOV, V. BAKHTIN, M. *Discurso na vida e Discurso na arte*. Tradução para fins acadêmicos de C. A. Faraco e C. Tezza, 2000.

ORGANIZAÇÃO

Thalita Cristina Souza Cruz

Fernanda Moraes D'Oliveira

REVISÃO

Diana Michaela Amaral Boccato

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Linguagem, cognição e ensino [livro eletrônico] : conceitos e possibilidades /
Thalita Cristina Souza Cruz, Fernanda Moraes D'Oliveira (orgs.). – Campinas,
SP : Editora da Abralin, 2021. – (Altos estudos em linguística)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-13-1

1. Alfabetização 2. Análise do discurso 3. Aquisição de linguagem
4. Cognição 5. Distúrbios de linguagem 6. Linguagem - Estudo e ensino
7. Linguística 8. Prática de ensino I. Cruz, Thalita Cristina Souza.
II. D'Oliveira, Fernanda Moraes. III. Série.

21-81236

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990131